



## Universidades Lusíada

Lopes, Maria de Fátima dos Santos Pimenta Garcia

### **Sociabilidades, laços e redes de vizinhança**

<http://hdl.handle.net/11067/6250>

<https://doi.org/10.34628/vqt8-4d16>

#### **Metadados**

##### **Data de Publicação**

2018

##### **Resumo**

O envelhecimento populacional tem vindo a provocar uma maior atenção, estudo e análise, sobre a questão do isolamento e outras formas de exclusão social, fatores determinantes do nível de desenvolvimento de uma sociedade. Se uma “boa” velhice envolve a manutenção da atividade, da participação social e a salvaguarda de relações de parentesco e amizade, envelhecer com mais qualidade de vida, é “contornar” uma determinada ausência de “laços”, apostando na integração social. A ...

Population aging has been causing greater attention, study and analysis, on the issue of isolation and other forms of social exclusion, factors that determine the level of development of a society. If a “good” old age involves maintaining activity, social participation and safeguarding kinship and friendship, growing older with a better quality of life, it is “circumventing” a certain absence of “ties”, betting on social integration. Urban agriculture facilit...

##### **Tipo**

article

##### **Revisão de Pares**

yes

##### **Coleções**

[ULL-ISSSL] IS, n. 51-52 (2018)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T10:23:10Z com informação proveniente do Repositório

# SOCIABILIDADES, LAÇOS E REDES DE VIZINHANÇA. QUINTAIS COM VIDA<sup>1</sup>

**Maria de Fátima dos Santos Pimenta Garcia Lopes**

*Mestre em Serviço Social (ISCTE-IUL)*

*Doutoranda em Serviço Social (ISCTE-IUL)*

---

<sup>1</sup> Este artigo é um excerto da dissertação de mestrado em Serviço Social apresentada em novembro de 2017 no ISCTE-IUL, sob orientação da Prof. Doutora Júlia Cardoso, tendo sofrido alterações para este efeito.



**Resumo:** O envelhecimento populacional tem vindo a provocar uma maior atenção, estudo e análise, sobre a questão do isolamento e outras formas de exclusão social, fatores determinantes do nível de desenvolvimento de uma sociedade. Se uma “boa” velhice envolve a manutenção da atividade, da participação social e a salvaguarda de relações de parentesco e amizade, envelhecer com mais qualidade de vida, é “contornar” uma determinada ausência de “laços”, apostando na integração social. A agricultura urbana facilita a participação social, estimula laços de solidariedade e sentimentos de pertença social, aproximando assim gerações. As redes de vizinhança saem também fortalecidas através de práticas de agricultura urbana. As vivências quotidianas e a utilização de espaços comuns potenciam vínculos e geram sentimentos de pertença. Assim, como atividade de lazer, a agricultura urbana transforma quotidianos e integra. As hortas urbanas unem pessoas, bairros e cidades, incitando a um envelhecimento ativo, orientado para o equilíbrio biopsicossocial da pessoa idosa.

**Palavras-chave:** Envelhecimento; Laços; Redes de vizinhança; Agricultura Urbana.

**Abstract:** Population aging has been causing greater attention, study and analysis, on the issue of isolation and other forms of social exclusion, factors that determine the level of development of a society. If a “good” old age involves maintaining activity, social participation and safeguarding kinship and friendship, growing older with a better quality of life, it is “circumventing” a certain absence of “ties”, betting on social integration. Urban agriculture facilitates social participation, stimulates bonds of solidarity and feelings of social belonging, thus bringing generations together. Neighborhood networks are also strengthened through urban agri-

culture practices. Daily experiences and the use of common spaces enhance bonds and generate feelings of belonging. Thus, as a leisure activity, urban agriculture transforms everyday life and integrates. Urban gardens unite people, neighborhoods and cities, encouraging active aging, oriented towards the biopsychosocial balance of the elderly.

**Keywords:** Aging; Ties; Neighborhood Networks; Urban Agriculture.

## Introdução

Destaca-se neste estudo, o enquadramento do tema Envelhecimento, especialmente na cidade, favorecendo a exposição de conteúdos teóricos e estatísticos que o sustentam. Disserta-se sobre a fragilização das redes pessoais e sociais, a reduzida sociabilidade familiar ou de vizinhança, o isolamento social e a solidão na população idosa. Reúnem-se, também, as perspetivas que ao longo do tempo se foram desenvolvendo relativamente aos espaços de interação social na cidade.

A cidade é um espaço de trocas materiais e simbólicas, um espaço comunitário e de anonimato, de vidas diferentes e convergentes, de habitantes de outras cidades, aldeias, várias regiões e continentes. Ainda que, agricultura e cidade aparentem ser universos estranhos entre si, certificou-se a importância social da agricultura, pois as hortas urbanas embora consentaneamente com funções económicas, disponibilizam sociabilidades essenciais na vida urbana, unindo pessoas, bairros e a cidade. Nelas podem repetir-se relações sociais de um passado camponês, ou confluir em novas sociabilidades (Varela, 2015).

Os quintais do bairro de Alvalade irrompem aqui como uma extensão da habitação nos quais se edificam relações humanas, configurando espaços de sociabilidade de vizinhança. Conjuntamente, sugere-se o bairro como peça meritória, na estruturação dos laços sociais entre os indivíduos, no qual a rede de vizinhança cumpre

um papel incontestável em situações de isolamento. Os vizinhos, pela contiguidade, realizam tarefas sociais inalcançáveis a outros agentes da rede social. No que tange às relações intergeracionais, patenteia-se que a estabilidade da população mais idosa depende de relações proporcionais entre gerações, que suscitam a contração do idadismo. As hortas urbanas sobressaem na qualidade de “veículos” de sociabilidades expandidas, que formadas pela confiança, ajuda, dádiva e troca de produtos, integram socialmente e apresentam vantagens para a saúde mental.

Tal como o transmite Fernandes (2007), engrandecer a última etapa da vida dos idosos, com sentimentos de bem-estar e de sentido, consiste num dos principais desafios para a sociedade, face o atual envelhecimento populacional. Para a pessoa idosa, como explica Barros de Oliveira (Barros 2004), a procura de sentido para a vida é uma variável cognitivo-afetivo-emocional muito importante para a qualidade de vida psicológica, sendo que, tal como o entende Fontaine (2000), o desafio de uma velhice bem-sucedida consiste numa probabilidade de doenças reduzida (essencialmente as que levam à perda de autonomia), a manutenção de um elevado nível funcional nos planos físico e cognitivo (uma velhice ótima) e a conservação do envolvimento social e bem-estar subjetivo.

Neste debate sobre o envelhecimento, como o historia Freitas (2011), já desde o início de 1960, que alguns teóricos têm vindo a assinalar que a chave para uma boa velhice passa pela manutenção de níveis elevados de atividade, participação social e manutenção das relações de parentesco e amizade. Ainda que, os apoios familiares e de amigos sejam muito importantes a nível dos afetos e segurança, as redes de vizinhança desempenham um papel fundamental no quotidiano das pessoas que vivem isoladas, ainda que estas relações de comunidade e vizinhança percam a importância, nas zonas urbanas, pois não existem raízes comuns, os indivíduos cruzam-se sem se conhecer e é difícil manter e reproduzir estilos de vida articulados com formas de solidariedade fundamentadas no parentesco. Esta transformação das formas de sociabilidade e o resultante isolamento a que muitos indivíduos são submetidos,

exacerba os problemas dos mais velhos, afetando-os pela ausência de um pilar relacional. Decisivamente, as redes sociais avocam o seu importante papel em termos do seu efeito protetor, evitando o stress inerente ao envelhecimento (Freitas, 2011).

É neste sentido que se delineou como objetivo geral deste projeto a promoção e o fortalecimento de laços e redes de vizinhança, enquanto estratégia para a melhoria da qualidade de vida urbana e, em particular, como estratégia para a diminuição do isolamento social dos idosos, definindo-se como objetivos específicos:

- Fomentar a corresponsabilização e a Responsabilidade Social Autárquica (RSA) e das Organizações por intermédio de um trabalho colaborativo e de protocolos de cooperação;
- Sensibilizar a comunidade para a temática do envelhecimento e promover a utilização dos quintais como espaço de interação social e criação/reforço de laços de proximidade;
- Promover a ligação dos residentes ao espaço - quintal - através da realização de práticas hortícolas/de jardinagem, bem como a partilha dos bens produzidos;
- Contribuir para o sentimento de bem-estar dos residentes participantes no projeto, especialmente os residentes com mais idade.

A conceção do projeto nas suas diferentes fases não é apresentada neste artigo, estando este centrado na pesquisa documental e nos suportes teóricos que orientaram a recolha de informação junto dos residentes e a análise dos dados que serviram para fundamentar o interesse e a viabilidade de um projeto de promoção das sociabilidades e da qualidade de vida numa comunidade urbana.

### **Caracterização sociodemográfica da freguesia de Alvalade**

O bairro de Alvalade é composto por “quadrados”, ordenados e definidos por estradas principais, que o fracionam em oito células - figura 1- originando diferentes “unidades de vizinhança”, nas 12

000 habitações construídas, para alojar 45 000 habitantes (Alegre, 2004). Cada uma das 8 células é agrupada a um equipamento escolar, as tipologias de habitação económica são um misto de edifícios uni e plurifamiliares e os habitantes distribuem-se em 9500 habitações com renda limitada, 31000 habitações coletivas de renda económica, 2000 moradias unifamiliares de renda económica e 2500 moradias de renda não limitada, mesclando coerentemente população de variadas camadas sociais (Hemeroteca Municipal de Lisboa).

Figura 1



Fonte: Barroco, Sofia (2012a)

A base deste estudo é centrada na Célula 5, que compreende parcialmente, o programa de casas de renda económica, inclui como equipamento escolar o atual Liceu Rainha Dona Leonor e o Parque de Jogos 1º de Maio - Inatel, consistindo num espaço destinado ao desporto, repouso e lazer (Maciel, 2015).

Cada célula agrupa em média cerca de 5.000 pessoas, centra-se na escola primária e na igreja, numa escala de movimentação pedonal de um máximo de 500m à escola (Coelho e Pereira, 2008),

assente como já referido, num conceito de “unidade de vizinhança” (Almeida, 2012:29).

Numa organização “cidade-jardim”, em conformidade com Coelho (Coelho, 2007) o seu conjunto habitacional, residencial, suavizado pela envolvente assinalada pela natureza - quintais - e urbano, com os seus equipamentos coletivos, zonas de atividade centralizada e geradoras de variadas sequências, alia tráfego, peões e veículos e integra socialmente de modo quase natural (Almeida, 2012:29).

Viver ou trabalhar em Alvalade, nas palavras de Carvalho (Carvalho,2010), é pertencer a um bairro modernista de Lisboa, onde a cidade presenteou a sua população com espaços novos, modernos, higienizados e funcionais, em conformidade com os melhores padrões técnicos e teóricos - em termos de edifícios e de espaços públicos, infraestruturados e ajardinados - combinando prudentemente a distribuição de distintos estratos sociais e económicos, na malha urbana. Equilibrou desde início o convívio entre classes sociais - distinção atualmente inteligível ou inexistente - em quarteirões com dezenas de edifícios a acolher várias centenas de apartamentos, numa contrabalançada integração e ascensão social dos radicados, dos quais os filhos estudaram nos mesmos equipamentos escolares que os vizinhos de “classes sociais superiores”, enquanto os pais coexistiam nos mesmos cafés, pastelarias, lojas, transportes públicos, passeios e praças, originando uma “comunidade social heterogénea, complementar e integrada”.

Maioritariamente, na freguesia de Alvalade os edifícios são residenciais, existindo igualmente mistos, com uma reabilitação do edificado superior à média da cidade (Junta de Freguesia de Alvalade). Com uma área de 5,34km<sup>2</sup>, a freguesia tinha, em 2011, 31.812 habitantes e 18.836 alojamentos.

No que respeita à idade da população, Alvalade revelou-se, em 2011, a quarta freguesia mais envelhecida de Lisboa, nela residindo 9021 indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos, o correspondente a 28,76% da população. As famílias da freguesia eram maioritariamente constituídas por uma pessoa, sendo que 5968 das

peças com 65 ou mais anos viviam sós ou com outras peças do mesmo grupo etário. O Retrato Social da Freguesia de Alvalade (2017) expõe uma população de mais de 65 anos a residir sozinha, nas três antigas freguesias de Alvalade, Campo Grande e São João de Brito, com percentagens de 32%, 28% e 27%, respetivamente.

O Retrato Social da Freguesia de Alvalade (2017) expõe, ademais, um aumento do número de habitantes com 80 anos ou mais, entre 2001 e 2011, e as entidades da Comissão Social da Freguesia de Alvalade - CSFA, identificaram o isolamento social e a falta de acompanhamento familiar da população de mais idade como principal problema na freguesia, contribuindo para ele, a viuvez, distanciamento geográfico e/ou afetivo das famílias, morte progressiva de amigos/as e familiares, mobilidade limitada e ausência de recursos financeiros para realização de atividades fora de casa, com o resultante agravamento do estado de saúde mental e física. Sinalizaram, também, como problemas relevantes, a mobilidade reduzida das peças de mais idade - por inadequação estrutural dos espaços públicos e habitações - e a dependência económica de descendentes.

### **Procedimentos metodológicos**

Na recolha de dados e consoante as demandas pertinentes para o presente trabalho, indagou-se a importância atribuída pelos indivíduos ao espaço - os seus quintais privados - quem e como se utiliza este espaço - "conversas informais/virtuais" - materializando a obtenção de informações ou recolha de dados não possíveis apenas pela pesquisa bibliográfica e observação (Boni e Quaresma, 2005), complementou-se esta recolha de dados com a entrevista. A recolha de dados primários permitiu apurar informação qualitativa, através de observação não participante, auxiliada por notas de campo e entrevistas semiestruturadas, aclarando-se a perceção dos residentes sobre a problemática e a disponibilidade de participação de decisores numa iniciativa que a minimize.

Privilegiou-se uma metodologia de carácter qualitativo, sob

a forma de guião de entrevista que integrou 3 dimensões: socioeconómica, rede de vizinhança e sobre atividades hortícolas. Nesta continuidade, gerou-se o diagnóstico que possibilitou o conhecimento preciso para granjear as ações coordenadoras de uma transformação. A dimensão da amostra representativa consistiu em 20 residentes. Uma vez que a antiga freguesia de S. João de Brito – inserida na presente freguesia de Alvalade – conta com 1225 edifícios habitacionais, estratificou-se a amostra – domiciliados na célula 5, do bairro de Alvalade. Aplicou-se por fim, a variável estratégica – com jardim/quintal, sabendo-se que a célula 5 contém cerca de 100 prédios com quintal.

Transitando para os dados primários recolhidos e sua exploração, em unísono com realizou-se uma análise de conteúdo, para interpretar e compreender o conteúdo das mensagens recolhidas das comunicações dos inquiridos, de forma sistemática e rigorosa – objetiva (Mauritti, 2014).

Desta forma, na ótica de análise do conteúdo de Bardin (Bardin, 1977), definiram-se categorias como rubricas ou classes, com elementos de características comuns, originando temas, num processo inferencial – dedução lógica. Nestas diretrizes, codificou-se a mensagem transmitida pelos inquiridos, por recorte (escolha/seleção das unidades de registo e contexto) classificando-as, agregando-as e contabilizando-as por categorias, objetivando:

- Identificar os vínculo sociais na vizinhança/bairro, e/ou tipo de ligação existente;
- A importância que as pessoas dão ao espaço que possuem – quintal – utilizando-o, ou não, como fonte de bem-estar, social/mental/relacional;
- A presença ou ausência do sentido comunitário, fundada numa rede de relações de apoio mútuo em que se pode confiar.

## Apresentação dos resultados e clarificação de conceitos utilizados

Analisados os dados recolhidos na Célula alvo do estudo, constata-se que 70% dos entrevistados são do sexo feminino e 35% têm mais de 65 anos. Do total dos inquiridos, 85% viviam na célula 5 do bairro de Alvalade e 70% afirmaram existirem pessoas com mais de 65 anos no prédio em que habitam/trabalham e/ou de que são proprietários, não se apurando com precisão com quem vivem essas pessoas com mais de 65 anos - sós, com outros com mais de 65 anos ou outros familiares de outras faixas etárias - dado que 85% dos entrevistados não respondeu/não precisou o dado a analisar.

*A Sociabilidade Urbana:* para identificar os vínculos sociais existentes na vizinhança/bairro, e/ou tipo de ligação existente entre os contrerâneos, ao abrigo do conceito de *Sociabilidade Urbana*, desagregaram-se deste as noções de Proximidade e Cordialidade.

As relações de sociabilidade alteraram-se, forçando a adaptação do intelecto humano a novos modos de vida, intensificando as relações “secundárias” - contactos - trocando-as pelas verdadeiras relações - as de afeto. A cidade já não é um lugar/ espaço de encontro/sociabilidades, de relações face a face, mas tem diversos lugares dentro dela - especializados e hierarquizados - segmentando ainda mais as relações sociais (Pereira e Oliveira, 2010:49-50).

*Proximidade:* versando a noção de *Proximidade*, para Santos (Santos, 2013) os laços tradicionais, familiares e de vizinhança na sociedade industrializada e urbana diversificaram-se e hoje o vizinho já não é muitas vezes o colega de brincadeira, pois as relações setorializadas e especializadas incitam a um cariz essencialmente utilitário.

Park especifica que nas grandes cidades a mobilização do homem, a sua progressiva individualização e a conseqüente segregação estabelecem “distâncias morais” que transformam “a cidade num mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram” (Park,1967: 61).

Nesta relação de *proximidade/distância*, o indivíduo constrói as

suas interações, até com o espaço, habituando-se às mutações do espaço físico da cidade, o que exige uma atitude de tolerância/reserva e proximidade/distância (Fortuna, 2011). A cidade transforma-se no “lócus desse tipo de contato para a vida social ativa, o fórum no qual se torna significativo unir-se a outras pessoas sem a compulsão de conhecê-las enquanto pessoas” (Sennet, 1998: 414).

Em contrapartida, de acordo com Gagnebin (Gagnebin, 2011), para privilegiar as relações de sangue, amizade e vizinhança - de domínio privado - em prejuízo das relações mais objetivas - sociais/públicas - e que se opõem, à “tibieza das formas de organização, de todas as associações que impliquem solidariedade e ordenação (Holanda, 1995:32), sobrevive a *cordialidade*, um tratamento de “favor” para com os eleitos como próximos ou amigos e que, contudo, não é impeditiva de agressividade contra os outros - que não fazem parte dos escolhidos ou que declinam a pertença ao clã (Gagnebin, 2011:403-404). Desta feita, para o “*homem cordial*”, viver em sociedade é como uma libertação do pavor sentido por viver consigo mesmo, apoiando-se em si mesmo no contexto existencial, numa expansão para com os outros, redutora do indivíduo à parcela social/periférica (Holanda, 1995:147).

Quanto a esta questão, Georg Simmel (Simmel, 1994) acresce que, mesmo que nunca antes tantos indivíduos vivessem tão juntos, num mesmo espaço reduzido, e com a proximidade física, no trabalho, transportes e residências a aumentar aceleradamente, a distância social e psíquica entre os mesmos indivíduos propende de igual forma a desenvolver-se numa indiferença com os outros que denuncia medidas de proteção e de sobrevivência. Por consequência, a proximidade física cidadina não intensifica o laço social, enfraquecendo-o até, por proteção ou indiferença (Gagnebin, 2011), numa unidade de proximidade e afastamento, contida na relação entre os homens, e descrita pela distância no interior da relação num significante de proximidade longínqua e distância próxima (Simmel, 1994; Frugóli, 2007).

Esta recíproca atitude espiritual dos habitantes das grandes cidades pode designar-se reservada por razões psicológicas e por

direito à desconfiança existente nos componentes da vida citadina, traçados por contactos fugazes, e que coagem a essa reserva, motivando o reduzido conhecimento dos vizinhos e propiciando a frieza e o desânimo. A organização interior de uma vida “em giro”, amplificada desta forma, assenta numa escala multifacetada de simpatias, indiferenças e aversões, momentâneas e/ou duradouras (Simmel, 2005).

Nestas perspetivas e baseando-nos em matérias inerentes às *Sociabilidades Urbanas*, para aferir a perceção dos residentes quanto a relações de amizade e entretajuda na suas redes de vizinhança, apuraram-se os dados obtidos por entrevista, indagando as relações de *Proximidade* existentes entre inquiridos e vizinhos.

Verificou-se a *ausência* desta *Proximidade* em 70% dos casos, que exemplificamos com excertos das entrevistas:

- “Há casas vagas, é tudo pessoal novo, estudantes. As pessoas não têm tempo.”;
- “ (...) Agora já não se conhece quase ninguém na rua...”;
- “ (...) Há muita gente nova...”

A *Cordialidade* - tratamento de “favor” - do mesmo modo contida no seio da Sociabilidade Urbana, evidenciou a sua presença em 40% dos casos em análise.

A documentar, a partir das manifestações dos inquiridos:

- “Cumprimentam-se”;
- “Os vizinhos não convivem entre si, cumprimentam-se. A vida na cidade está diferente.”;
- “Os vizinhos não convivem entre si, cumprimentam-se. Não existe tempo para outras dinâmicas.”

Desta forma, tendo em consideração o conceito de *Sociabilidade Urbana*, tal como aqui o definimos, pelos resultados obtidos podemos afirmar que na célula 5, do bairro de Alvalade, impera a *Cordialidade* em detrimento da *Proximidade* nas relações de vizi-

nhança, desnudando vulnerabilidades nos laços sociais existentes.

A *Valorização do espaço*: atentando aos espaços verdes urbanos, estes promovem estilos de vida saudáveis e contactos sociais, com impactos indiscutíveis na saúde física e mental, numa relação inequívoca entre qualidade de vida, bem-estar das populações e qualidade ambiental (Silva, 2014).

Hoje, os espaços verdes exercem uma função minimizadora das tensões da vida citadina, suavizando problemas sociais e ambientais urbanos. Promotores de recreio e lazer constituem espaços de jogos, desporto, interação social, numa pluralidade de funções interligadas entre si, para satisfazer as necessidades da sociedade humana (Silva, 2014).

Freire (Freire, 2005) adiciona que, a nível social, os espaços verdes podem substituir os antigos espaços públicos – praças e ruas - por sítios de relacionamento e encontros sociais, permitindo que a população subordinada às rotinas diárias e limitada a espaços interiores possa realizar atividades de lazer, exercício físico, descansar e conviver.

São estes espaços verdes, como já mencionado, que garantem qualidade de vida e benefícios diretos na saúde, bem-estar físico e psicológico da população, pois a saúde das populações está interligada com os elementos ambientais das cidades, e é afetada pelo ambiente (Silva, 2014). O ambiente envolvente da residência é um agente de assinalada importância para o equilíbrio mental dos habitantes, assumindo as áreas verdes, espaços propícios à vida comunitária, auxiliando a manutenção de uma boa saúde mental, e indicadas para a recuperação da saúde, bem-estar físico ou psíquico, melhorando a qualidade de vida das populações (Stigsdotter, 2004).

Para avaliar o interesse que os residentes na célula 5 conferem ao espaço que possuem – quintal – utilizando-o como fonte de bem-estar, social/mental/relacional, analisou-se a *Motivação* da sua utilização, evidenciada nos elementos respetivos das entrevistas realizadas. Esta valorização conferida ao espaço, apurou-se através da confirmação de que 60% destas pessoas tem *Motivação*

para usufruir dele e embora 65% dos entrevistados se insiram nas faixas etárias com início nos 50 anos, são eles que sensivelmente demonstram mais *Motivação* para usufruir do espaço. Destacam-se como resposta à entrevista os seguintes elementos:

- “Alguns vizinhos arranjam quintal, plantam produtos hortícolas.”;
- “No quintal da frente planta flores, no de trás, produtos hortícolas – alfaces, couves, favas. Tem favas; já comeu delas.”;
- “ (...) Antes tinha galinhas, plantava alfaces e batatas.”;
- “O marido também cuida dos quintais”;
- “Quando tinha as filhas pequenas sempre tratou ...”
- “Plantou 1 nespereira que lhe deram... (...) Tinha muitas nêspereiras boas que dava para os vizinhos também.”;
- “Faz bem à alma ver as alfaces a crescer.”

Em suplemento, a *Motivação* para utilização dos quintais foi similarmemente certificada através das “conversas informais/virtuais”, em que nos deparamos com formas distintas de utilização destes espaços, onde se lamenta o abandono a que estes são submetidos muitas vezes - cenário comprovado por observação - e se questiona a possibilidade da Junta de Freguesia “dar uma ajuda” a esta ideia, que noutra ponto de vista na verdade favorece a requalificação dos espaços negligenciados.

Em suma, confirmamos a *Motivação* existente, justificando que as falhas de um maior envolvimento dos residentes, neste tópico, advêm da falta de tempo a que remete a realidade urbana, nas suas “labutas” diárias, ilustradas pelos seguintes pontos de vista:

- “As pessoas querem é chegar a casa e dormir.”;
- “Também não se importava de colaborar em ajudar a cuidar dos quintais, embora os outros vizinhos não se interessem ou não tenham tempo.”;
- “As pessoas não têm tempo para cuidar dos quintais. Chegam a casa têm de dar banho aos filhos e tratar deles e no dia

seguinte igual. O tempo disponível aproveitam para dar uma volta.”

*Desconfiança/Confiança Social*: por último, no campo da desconfiança/confiança social, identificou-se a *Participação Evasiva/Defensiva* por parte dos entrevistados, a presença/ ausência do *Sentido Comunitário*, com sustentação numa rede de relações de apoio mútuo em que se pode confiar, bem como a presença/ausência de *Sentido da Dívida/Troca*. Para análise destes parâmetros, no que respeita à *Participação Evasivo/Defensiva*, avaliou-se a forma de participação dos entrevistados – subjetiva – e suas reflexões a indicar este tipo de participação.

Para determinar a presença/ausência do *Sentido Comunitário* salientaram-se as respostas aos itens representativos na entrevista, para a presença/ausência do *Sentido da Dívida/Troca*.

Em conformidade com Bauman (Bauman, 2009), a insegurança na modernidade é assinalada pelo medo do crime e criminosos, onde se suspeita dos outros e das suas intenções, num défice de solidariedade humana e individualismo abundante, resultantes do dever individual de cuidar e fazer por si mesmo nas sociedades modernas.

Haroche (Haroche, 2011:661) descreve esta “*sociedade de desconfiança*” como um espelho que revela um ambiente psicológico, moral, social e político que estimula e fortalece *formas de personalidade/caráter “evasivo, inapreensível e defensivo”*, sendo que, demarcando a *Participação Evasiva/Defensiva* dos inquiridos, pelos resultados obtidos por entrevista, observamos que 65% dos inquiridos não participou *Evasiva/Defensivamente* e 35% demonstraram *Atitude Evasiva/Defensiva* seja por meio de impressões (condições subjetivas) seja por afirmações (condições objetivas), de que destacamos:

- “Não acredita em amigos... (...) O marido dizia-lhe: conheces-te a ti, não conheces os outros... (...) Não confia em estranhos.”;
- “Não me venha bater à porta para mais perguntas”;

- “Quem é a senhora? Em que consiste o estudo?”;
- “(...) Estas perguntas todas para quê? Disse que era da Junta... (...) Sabe que hoje em dia não se pode confiar... (...) Só faltava perguntar o número de onde vivo... Também não dizia...”.

A contrabalançar, aproximando-nos de um *Sentido Comunitário*, o sentido psicológico de comunidade é na sua origem uma experiência subjetiva de pertença a uma coletividade maior, parte de uma rede de relações de mútuo apoio em que se pode confiar e em que os elementos que dão forma a esta valoração pessoal são “a perceção de similaridade com outros, o reconhecimento da interdependência com os demais, a vontade de manter essa interdependência dando e fazendo por outros o que se espera, e o sentimento de que se faz parte de uma estrutura mais ampla, estável e fiável” (Sarason, 1974:157).

Nesta linha, o *Sentido de Comunidade* centra-se na interação social entre os membros de um coletivo, complementa-se com a perceção de raízes territoriais e um sentimento geral de mutualidade e interdependência (Sánchez-Vidal, 2001). As evidências de que o sentido psicológico de comunidade é um preditor da participação, são vastas, sendo esta participação facilitada pela existência de relações de vizinhança, satisfação com o contexto comunitário, perceção de problemas na envolvente imediata, etc. (Jariego, 2004).

Gonçalves (Gonçalves, 2009) explica que, embora vários investigadores tenham discutido e produzido teorias sobre as dimensões que envolvem este conceito, para muitos autores a teoria integrativa que fundamenta uma melhor compreensão da comunidade é a teoria de McMillan e Chavis (1986), num modelo em que o *Sentido de Comunidade* é composto por quatro dimensões - pertença, influência, ligação emocional e integração e satisfação de necessidades - “numa tentativa de “encaixar” e juntar pessoas que satisfaçam as necessidades de outros enquanto satisfazem as suas próprias necessidades” (Gonçalves, 2009:5).

Em termos de presença de *Sentido Comunitário*, apurámos que

65% dos inquiridos o detêm, fundamentando-se a sua ausência nos restantes 35% pelas asserções:

- “Não confio em estranhos, não quero ninguém a tratar do quintal - quando preciso pago...”;
- “Não vê interesse nas ajudas para cuidar dos quintais, porque as pessoas quando necessitam pagam.”

Recorrendo às conversas virtuais/informais, encontramos a presença deste *Sentido Comunitário*, nas considerações:

- “No prédio onde moro (6 condóminos) acordámos em fazer um jardim comum.”;
- “Eu nasci no bairro e fui habituada a brincar na rua. Estou a fomentar esse hábito nos meus netos... (...) Por isso eu e os meus vizinhos queremos continuar essa tradição...”.

*Sentido da Dádiva/Troca*: para questionar o *Sentido da Dádiva/Troca* existente, recorreremos a Marcel Mauss (2003), para quem o valor das coisas não pode ser superior ao valor da relação, sendo o simbolismo fundamental para a vida social, numa obrigação moral coletiva que envolve os membros da sociedade - troca de mercadorias ou meros sorrisos - numa complexidade de motivações e modalidades de interações, que misturam indivíduos e grupos - dando, recebendo e retribuindo (Martins, 2005).

A dádiva, ilustrada por Mauss (Mauss, 2003), produz alianças - matrimoniais, políticas, religiosas, económicas, jurídicas e diplomáticas - inclui presentes, visitas, festas, comunhões, esmolas, heranças, etc. (Lanna, 2000). “ (...) Se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem “respeitos” - podemos dizer igualmente, “cortesias”. Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e se as pessoas se dão, é porque se “devem” - elas e seus bens - aos outros” (Mauss, 2003: 263).

Em resultado das entrevistas realizadas e analisadas, encontramos a presença de *Sentido da Dádiva/Troca* em 55% dos inquiridos,

estabelecida com traslado em declarações conseguidas:

- “Acho o mercado de trocas muito interessante.”;
- “Se todos plantassem dava para dar/ajudar pessoas que necessitam, porque o plantado sobrava.”;
- “Não sei até que ponto os idosos teriam paciência para participar, mas seria um entretém.”

Em termos de *Participação Evasiva/Defensiva*, maioritariamente os inquiridos não participaram desta forma, prevalecendo o *Sentido Comunitário* e o *Sentido da Dívida/Troca*.

### **Discussão dos resultados**

A seniorização da sociedade europeia é problematizada, pelas suas consequências societárias, condição de vida futura e seu impacto na economia, sabendo-se que a proporção de pessoas com 80 e mais anos – a chamada Quarta Idade – vai aumentar e necessitar de mais apoios na vida diária. As alterações nas estruturas familiares fazem com que os idosos do futuro – e alguns atuais – tenham menos filhos e menos possibilidade de obter apoio informal da família, assinalando-se que, mesmo hoje, os filhos não garantem esse apoio, seja pela falta de tempo por motivos profissionais, seja pelo fator distância geográfica (CML, 2009).

Se com a velhice, tendencialmente, as redes sociais se tornam reduzidas (Marques, 2010), este projeto é uma iniciativa de promoção de locais de encontro e interação para essencialmente para a população idosa. Fortalecer as redes de vizinhança no contexto das práticas de agricultura urbana, por via do uso de espaços comuns, na vivência quotidiana, potencia, cria e fortalece vínculos, que reforçam o sentimento de pertença – à vida, à sociedade, ao espaço e ao bairro (Holstein, 1998).

Se o intuito é promover espaços relacionais, ao utilizar a agricultura urbana como atividade de lazer, viabilizam-se mudanças nos modos de vida do indivíduo, pois “o lazer tem o papel media-

dor entre a cultura de uma sociedade ou de um grupo e as reações de um indivíduo às situações da vida quotidiana”, contribuindo ao mesmo tempo para a não marginalização social das pessoas. Ou seja, participar em atividades de lazer promove a construção e estreitamento de laços e relações solidárias e afetivas, extrafamiliares (Oliveira, s.a.).

Conhecendo-se a existência de alterações estruturais nas famílias, individualismos ou quebra de redes de sociabilidade, a contribuir para esta anomia social, torna-se essencial encontrar estratégias interventivas, para superar e contornar esta falta de laços. Apostar na integração social, fomentando o envelhecimento ativo para o equilíbrio biopsicossocial da população idosa, reproduzindo a agricultura urbana como oportunidade de participação social, fuga à solidão e um estímulo aos laços de solidariedade e sentimentos de pertença social, aproxima gerações.

As sociabilidades na cidade refletem a cidade como espaço facilitador de troca e interação entre pessoas que passam, trabalham, ou vivem em meio urbano (Galante, 2013). A própria morfologia da cidade é facilitadora de interações e relações sociais em espaços de convívio, sítios de vizinhança, redes sociais e outros espaços de interação local - praças, largos e escadinhas - que proporcionam encontros e interação entre as pessoas, e a criação de laços de proximidade e confiança (Firmino da Costa, 1999). Coincidentemente, Magnani (Magnani, 2011) descreve a cidade não como um reino de desagregação, caos, separação, onde já não se estabelecem vínculos sólidos, mas essencialmente como espaço de trocas reais e simbólicas, pois existem nela “Pedaços” (Magnani, 2003), em que todos se conhecem.

Compreendendo as hortas urbanas - quintais - como lugares conectados ao bairro e com continuidade com a casa, intermediários entre o privado (a casa) e o público (a rua), com sociabilidades mais amplas que as familiares e mais fortes que as formais e individualizadas, impostas pela nossa sociedade, nelas os indivíduos têm ligações profundas, relacionam-se apoiados pela confiança, ajuda, dádiva e troca de produtos (Varela, 2015).

## Notas finais

Neste trabalho orientou-nos o propósito de contribuir para a (re)construção de uma cidade mais justa para os cidadãos – pensando especialmente na população com mais idade - e sem relações “fragmentadas e fragmentárias” (Pereira e Oliveira, 2010:52), pensando os espaços da cidade com propostas de soluções verosímeis que resgatem sociabilidades - relações primárias e de afeto.

Os espaços verdes urbanos abordados desempenham um papel integrador, que reforçam relações sociais e os valores da vida comunitária (Silva, 2014:97). Desta forma, assumem-se como espaços de encontro e convívio que influenciam favoravelmente o bem-estar físico, emocional e psíquico dos indivíduos.

Na articulação do envelhecimento da população com as problemáticas a si intrínsecas e com o Serviço Social, orienta-se a defesa dos direitos, autonomia e participação destes idosos, combatendo desigualdades e promovendo a coesão social, em valorização das pessoas, independentemente da sua posição social - posição temporal.

Se a autodeterminação e a justiça social fundamentam a ação do Serviço Social em defesa dos direitos, da autonomia e da participação dos sujeitos, desafiando as desigualdades através da valorização das pessoas independentemente da sua posição social, os Assistentes Sociais são impelidos à compreensão da complexidade dos problemas e à atuação sobre eles, por via de relações de suporte compreensivas e integradas (Carvalho, 2014).

Com o envelhecimento da população, um dos maiores desafios das sociedades atuais, os sistemas sociais têm de encontrar mecanismos e vias facilitadoras da relação entre as diferentes gerações, concretizando um ideal de sociedade em que os mais velhos tenham um lugar ativo e proactivo e na qual o Serviço Social tenha um papel de relevo na promoção desse ideal.

## Bibliografia

- Alegre, Alexandra (2004). Casas de Rendas Económicas das Células I e II do Plano de Urbanização de Alvalade -1ª Experiência de Urbanização Integral. *Engenharia em Portugal no Século XX*.
- Almeida, Helder E. G. F. (2012). *Habitar e envelhecer no século XXI: dinâmicas de espaços sociais-relações de vizinhança*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Portuguesa
- Bardin, Laurence (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa. Edições 70.
- Barroco, Sofia (2012a). *Conferencia Bairro(s) de Alvalade. O paradigma do urbanismo português*. CIAUD, Faculdade de Arquitectura. Universidade Técnica de Lisboa.
- Barros de Oliveira, José H. (2004). *Psicologia positiva*, Porto. Asa Editores, S.A.
- Bauman, Zygmunt (2009). *Confiança e Medo na Cidade*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed.
- Boni, Valdete e Sílvia Jurema Quaresma (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 2: 68-80. Disponível em [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1255603/mod\\_resource/content/0/Aprendendo\\_a\\_entrevistar.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1255603/mod_resource/content/0/Aprendendo_a_entrevistar.pdf) (Consultado em 09/06/2017)
- Carvalho, António (2010). Habitação de Interesse Social no Bairro de Alvalade. *Infohabitar*, 313. Disponível em <http://infohabitar.blogspot.pt> (Consultado em 24/03/2017)
- Carvalho, Maria Irene L. B. (2014) - Serviço social e envelhecimento ativo: teorias, práticas e dilemas profissionais. *Intervenção Social*, 38. Lisboa. Lusíada.
- Coelho, António B. (2007). Sobre o Bairro de Alvalade de Faria da Costa: um exemplo bem actual de sustentabilidade urbana e residencial. *Infohabitar*, 132. Disponível em <http://infohabitar.blogspot.pt/2007/03/sobre-o-bairro-de-alvalade-de-faria-da.html> (Consultado em 26/02/2017)
- Coelho, António B. e Nuno Teotónio Pereira (2008). Alvalade, de Faria da Costa. Uma Cidade na Cidade. *Infohabitar*, 179. Disponív-

- el em [http://infohabitar.blogspot.pt/2008/01/alvalade-de-faria-da-costa-uma-cidade\\_17.html](http://infohabitar.blogspot.pt/2008/01/alvalade-de-faria-da-costa-uma-cidade_17.html) (Consultado em 26/02/2017)
- Costa, António Firmino (1999). *Quadros de Interação e Identidade de Bairro*, em António Firmino da Costa, Sociedade de Bairro – Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural. Oeiras. Celta. 291-351.
- Fernandes, Hélder (2007). *Solidão em idosos do meio rural do Concelho de Bragança*. Dissertação de Mestrado em Psicologia do Idoso. Universidade do Porto. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Fontaine, Roger (2000). *Psicologia do envelhecimento*. Lisboa. Climepsi Editores
- Fortuna, Carlos (2011). Narrativas sobre a metrópole centenária: Simmel, Hessel e Seabrook. *Cadernos Metrôpoles*, 13(26).
- Freire, Román S. (2005) - Los espacios verdes urbanos en A Coruña. *Documentos de Trabajo, Xeografía*, 17:7-54.
- Freitas, Patrícia C. B. (2011). Solidão em idosos: percepção em função da rede social. Dissertação de Mestrado em Gerontologia Social Aplicada. Universidade Católica Portuguesa. Centro Regional de Braga. Faculdade de Ciências Sociais.
- Gagnebin, Jeanne Marie (2011). Cordialidade e estrangeirice: da relação ao outro. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 6 (2): 401-408.
- Galante, Marisa Cristina S. (2013). *Envelhecimento e sociabilidades nos espaços da cidade: modos de romper a solidão*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia Social. Lisboa. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/5396> (Consultado em 31/03/2016)
- Gonçalves, Ana Catarina C. G. (2009). *O sentido de comunidade, o suporte social percebido e a satisfação com a vida*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Lisboa.
- Haroche, Claudine (2011). O inavaliável em uma sociedade de desconfiança. *Educação e Pesquisa*, 37(3):657-676.

- Hemeroteca Municipal de Lisboa. *Saber Alvalade. Roteiro de um Bairro*. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/ExposicoesVirtuais/Alvalade/ExpoAlvalade.htm> (Consultado em 23/02/2017)
- Holanda, Sérgio Buarque (1995). *Raízes do Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras.
- Holstein, Adriana (1998). El barrio de las casitas baratas. Memorias de la década del sessenta. *Cuadernos de Antropología Social*, 10. Universidad de Buenos Aires.
- Jariego, Isidro M. (2004). Sentido de comunidad y potenciación comunitária. *Apuntes de psicología*, 22(2):187-211.
- Lanna, Marcos (2000). Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva. *Revista de sociologia e política*, 14:173-194.
- Maciel, Paulo (2015). *Requalificação do espaço público: intervenção nos logradouros do Bairro de Alvalade (Lisboa)*. Relatório de Estágio. Mestrado em Gestão do Território e Urbanismo. Universidade de Lisboa. Instituto de Geografia e Ordenamento do Território.
- Magnani, José Guilherme C. (2003). *Festa no pedaço – Cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo.
- Magnani, José Guilherme C. (2011). Palestra sobre *Antropologia Urbana* na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. FESPSP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CB1bw7DE5II>
- Marques, Eduardo (2010). *Redes sociais, segregação e pobreza*. Editora Unesp.
- Martins, Paulo H. (2005). A sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação. *Revista crítica de ciências sociais*, 73:45-66.
- Mauritti, Rosário (2014). *U.C. Métodos e Técnicas de Investigação em Ciências Sociais*. ISCTE-IUL.
- Mauss, Marcel (2003). *Sociologia e antropologia*. São Paulo
- Mcmillan, David W. e David M. Chavis (1986). Sense of community: A definition and theory. *Journal of community psychology*, 14(1):6-23.
- Oliveira, Maria da Guia (s.a.). O Lazer nos Grupos de Convivência para Idosos: prática renovada de sociabilidade. *VII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e IV Encontro Americano de*

- Pós-Graduação*. Universidade do Vale do Paraíba.
- Park, Robert E. (1967). *A cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. Otávio Guilherme Velho (Org). O fenômeno Urbano. Rio de Janeiro. Zahar.
- Pereira, Cláudio Smalley S. e João César A. de Oliveira (2010). A (in) sociabilidade urbana: da cidade como lugar aos lugares na cidade. Departamento de Geografia da FCT/UNESP, *GeoAtos*. Presidente Prudente, 10(1):40-55. Disponível em <http://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/222/claudson10v1> (Consultado em 17/05/2017)
- Retrato Social da Freguesia de Alvalade. Disponível em <http://www.jf-alvalade.pt/wp-content/uploads/Retrato-Social-da-Freguesia-de-Alvalade.pdf> (Consultado em 06/06/2017)
- Sánchez-Vidal, A. (2001). Medida y estructura interna del sentimiento de comunidad: un estudio empírico. *Revista de Psicología Social*, 16 (2):157-175.
- Santos, Fernando A. S. (2013). *A proxémica urbana : as relações de proximidade na reabilitação de áreas urbanas*. Dissertação de mestrado integrado em Arquitectura, Universidade Lusíada de Lisboa. Disponível em <http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/2761> (Consultado em 26/04/2017)
- Sarason, Seymour B. (1974). *The psychological sense of community: Prospects for a community psychology*. Jossey-Bass.
- Sennet, Richard (1998). *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo. Companhia das Letras.
- Silva, Joana F. D. (2014). *Contributo dos espaços verdes para o bem-estar das populações*. Estudo de caso em Vila Real. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana: Ordenamento do Território e Desenvolvimento. Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Simmel, Georg (1994). *Soziologie, Untersuchungen über die Formen der Vergesselschaftung* (1908). Em Georg Simmel, Gesamtausgabe. Tradução de Jeanne Marie Gagnebin. Frankfurt. Suhrkamp. 2:748.
- Simmel, Georg (2005). As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana* 11(2): 577-591, (1903)

Stigsdotter, Ulrika K. (2004). *Urban green spaces: promoting health through city planning*. Swedish University of Agricultural Sciences. Suécia.

Varela, Pedro M. F. (2015). *Novas raízes na cidade: sociabilidades nas hortas urbanas de caboverdianos na Amadora*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Departamento de Antropologia. Lisboa. ISCTE-IUL. Disponível em <http://hdl.handle.net/10071/10750> (Consultado em 07/04/2016)